
ENTRETENIMENTO, “TEMPO LIVRE” E SOCIEDADE DE CONSUMO NO MUNDO DA CAPOEIRA

ENTRETENIMENT, “FREE TIME” AND CONSUMPTION SOCIETY IN THE WORLD OF CAPOEIRA

Muleka Mwewa

Universidade Federal de Santa Catarina



afromuleka@yahoo.fr

(Brasil)

Resumo

Abordamos o tema da capoeira enquanto prática de entretenimento exercida no “tempo livre” na sociedade de consumo. Argumentamos que a concepção do jogo neste âmbito limita as possibilidades de prática como um exercício crítico-emancipador que possa encaminhar o sujeito ao exercício da sua plenitude. Ao invés disso, a capoeira, muitas vezes serve apenas como entretenimento para reabilitar os homens para o exercício das funções do mundo de trabalho. A capoeira no contexto do “tempo livre” solapa a construção/produção de conhecimento presente no universo desta manifestação cultural. Uma questão seria: que sujeito que pretendemos formar a partir de tal prática cultural?

Palavras Chaves: Tempo livre; Manifestação cultural; Sociedade

Abstract

We intent to deal with Capoeira's theme as an entertainment practice on “free-time” in the consumption society. We defend that the conception of the game in this scope limits the possibilities of configuring its practice as a critic and emancipator exercise that can lead the person to her/his fullness. Instead, Capoeira is most of times seen just as an entertainment, which seeks to restore daily the men to labor world. The practice of Capoeira in the “free-time” hides the knowledge construction/production in the universe of this cultural expression. We ask: What human been we intend to make from such a practice?

Keywords: Free-time - cultural expression - Society

Recebido em: 13/03/2007

Aceito em: 02/06/2007

“A colocação de que devemos procurar saber o que fazer com o nosso ‘tempo livre’ por si só torna este tempo não livre”

Adorno

I Entretenimento, “tempo livre” e sociedade de consumo

As práticas corporais e as demais atividades culturais estão mergulhadas no conjunto dos mecanismos de entretenimento, do “tempo livre” e, por conseguinte, do consumo na sociedade contemporânea. Reconhecer este caráter pode possibilitar a reflexão de que elas poderiam estar vinculadas ao propósito da formação do ser humano. Outrora, como diz Adorno (1995b), os momentos do “tempo livre” eram profundamente diferentes, em grande medida pelo fato de não pertencerem e nem terem a necessidade de ser preenchidos pela lógica da indústria cultural¹. Esses momentos eram concebidos como momentos de *ócio*, qualitativamente distintos e muito mais gratificantes.

Pode-se dizer que, com a modificação das condições sociais e, mais precisamente, com a modernização da produção industrializada, o “tempo livre” (e não mais o *ócio*) pode ter ficado cada vez mais extenso, acarretando com isso a preocupação do que fazer com ele. Este aumento de tempo livre também pode ser pensado como o resultado de lutas dos trabalhadores. Mas, pensar o “tempo livre” como tal já seria pensá-lo no seu segundo momento, ou seja, como tempo de reintegração das capacidades psicológicas e físicas dos trabalhadores na lógica do trabalho. Portanto, o “tempo livre” seria, neste caso, a confirmação da aceitação do trabalho alienante e que, para poder suportá-lo, os trabalhadores lutariam por um tempo que os distanciasse da rotina massacrante. Nesse tempo disponível, coloca-se toda uma oferta de instrumentos (aparelhos) de diversão como possibilitadores de um suspiro quase terminal que lhes asseguraria um pouco mais de fôlego.

Quando se aceita como verdadeiro o pensamento de Marx, de que na sociedade burguesa a força de trabalho tornou-se mercadoria e, por isso, o trabalho foi coisificado, então a palavra ‘hobby’ conduz ao paradoxo de que aquele estado, que se entende como o contrário de coisificação, como reserva de vida imediata em um sistema total completamente mediado, é, por sua vez, coisificado da mesma maneira que a rígida delimitação entre trabalho e tempo livre (ADORNO, 1995b, p. 72).

Com o processo de aceleração da produção industrial, a população mundial se viu forçada a reorganizar o tempo destinado a realizar os seus afazeres diários. Acredita-se que

¹ Nos marcos da contemporaneidade, dificilmente poderemos pensar, por exemplo, o conceito de cultura desvinculado do de indústria cultural. Este se diferencia do de cultura de massa. O primeiro termo foi criado para assinalar um comportamento mercadológico já existente. Ele pressupõe uma diluição dos indivíduos na ofuscação dos mecanismos que constituem a lógica do seu funcionamento. E não como se poderia pensar, talvez equivocadamente, que este comportamento mercadológico seria uma criação datada a partir da criação do termo indústria cultural. Em outras palavras, o processo de mercadorização da cultura é anterior ao surgimento do fenômeno da indústria cultural que, por sua vez, não se resume a ele, mas se refere também à (de)formação subjetiva que se dá por meio dele na medida da expansão da indústria do entretenimento (MWEWA, 2005, P. 39-40). As reflexões elaboradas a partir deste termo se espalham em várias obras de Horkheimer e, principalmente, de Adorno. Seu lugar mais importante, no entanto, está no livro em que foi pela primeira vez empregado. Como observamos anteriormente, o termo indústria cultural foi empregado pela primeira vez por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno em 1947, no livro *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tratava-se, como explica Adorno (1978), da problemática da cultura de massa, mas a partir de sua configuração houve a demanda por um termo mais adequado que a retratasse conforme a sua nova especificidade. A razão desta substituição, a princípio, deveu-se ao fato de querer excluir de antemão a interpretação que agrada aos que defendem o conceito de cultura de massa. Estes entendem que se trata de uma cultura que emerge espontaneamente das próprias massas. Isso não contribui para a compreensão dos interstícios que envolvem a cultura de massa (se ainda for legítimo empregarmos este termo), muitas vezes confundido-a com uma cultura feita *para as massas*.

esta intensa produção possibilitou aos indivíduos economicamente ativos o acúmulo de preocupações novas e a possibilidade, como dito acima, de um *tempo disponível*. Quanto a esta questão, começamos por problematizar o que disseram Elias e Dunning (1992), ao afirmarem que o tempo livre seria possível de ser pensado somente na esfera do trabalho. Quanto à distinção que os autores fazem entre tempo livre e lazer², ao afirmarem que “todas as atividades de lazer são atividades de tempo livre, mas nem todas as de tempo livre são de lazer” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 141), pode possibilitar o seguinte questionamento, como discutiremos mais adiante: num tempo em que as capacidades humanas não são realizadas de forma plena, o lazer praticado no tempo livre teria a possibilidade de proporcionar algum tipo de gratificação? Devemos investir na prática de atividades que pensamos possibilitar a plenitude da nossa subjetividade? Digamos que, se estes questionamentos acompanham a afirmação anterior, poderíamos procurar entender melhor a seguinte assertiva: “Ninguém deve aceitar a afirmação tradicional de que a função das atividades de lazer se destina a permitir que as pessoas trabalhem melhor, nem sequer a idéia de que a função de lazer é uma função que só existe na perspectiva do trabalho” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 141). Trabalhamos com a hipótese de que só é possível falar do “tempo livre” frente ao tempo de trabalho.

As obrigações do tempo de trabalho são geralmente conhecidas de antemão e executadas diariamente, o que não poderá ser dito, com tanta segurança, em relação às atividades do tempo de não-trabalho³. Estamos conscientes de que estamos em uma ordem social que tem o trabalho “como ordem do dia”, subentendendo indivíduos impossibilitados de exteriorizarem plenamente a sua subjetividade. Os mecanismos de sujeição impostos pela atividade de trabalho, de alguma forma, se estendem às atividades do tempo de não-trabalho. Segundo Elias e Dunning (1992, p. 149), “as características especiais das atividades de lazer só podem ser compreendidas se forem consideradas, não apenas em relação ao trabalho profissional, mas também, em relação às várias atividades de não lazer, no quadro do tempo livre”. Mas, se a função do tempo livre não é reavivar as capacidades do indivíduo para produzir melhor, então este tempo pelo menos poderia/deveria permitir e/ou possibilitar que o indivíduo exercesse a sua autonomia sem o sujeitamento confirmado também no “tempo livre”.

É neste sentido que se insere a crescente preocupação de como este tempo poderia ser aproveitado de forma que viesse a auxiliar na realização plena das pessoas e não apenas servir para o “melhoramento” da produção dos trabalhadores. Isto é, não servir somente à recuperação psicofisiológica dos males que o trabalho, na perspectiva de exploração, freqüentemente causa. Este “tempo livre” muitas vezes é destinado a atividades que visam a fortalecer a competência dos trabalhadores em relação às capacidades requeridas pelo trabalho. Ele é também empregado em atividades anti-estressantes, que serviriam, por sua vez, para amenizar as tensões do dia-a-dia. Segundo Adorno (1995b, p. 73), o tempo em que se está “livre” tem por função restaurar a força de trabalho, o *tempo livre do trabalho*—precisamente porque é um mero apêndice do trabalho — vem a ser separado deste com zelo puritano.

Em termos adornianos, poderíamos dizer ainda que a diminuição do tempo de trabalho é algo a ser louvado, mas, se esta diminuição não vier acompanhada da reflexão sobre a ordem presente no trabalho, ela, em alguma medida, poderá servir de nuvem ofuscante da reificação das consciências. Ao se dedicarem ao *entretenimento*, porém, recaem no ordenamento proposto pela ordem social pautada na produtividade. A colocação de que devemos procurar saber o que fazer com o “nosso tempo” livre por si só torna este tempo não livre. Portanto, “o fetichismo que medra o ‘tempo livre’ está sujeito a controles sociais

² Para Elias e Dunning (1992), nas atividades de trabalho (de não-lazer), o individual não possui um poder de decisão e sim é levado e ordenado pelo coletivo. Já, nas atividades de lazer, o individual possui liberdade para poder pensar em si próprio.

³ Esta expressão é freqüentemente utilizada por Elias e Dunning (1992).

suplementares.” (ADORNO, 1995b, p. 75). É importante lembrar, mais uma vez, que este autor não “prega” ser o “tempo livre” indesejável – embora ele não o considere como tempo livre – e sim, ele nos ensina, com maestria, que no tempo que consideramos livre, estruturaram-se novas e diferenciadas formas de controle sobre os indivíduos. Adorno entende que o tempo livre deve privilegiar sempre a autonomia do indivíduo para minimamente ser considerado como tal.

Sempre que a conduta do tempo livre é verdadeiramente autônoma, determinada pelas próprias pessoas enquanto seres livres é difícil que se instale o tédio; tampouco ali onde elas persegue o seu anseio de felicidade, ou onde sua atividade de tempo livre é racional em si mesma, como algo em si pleno de sentido (ADORNO, 1995b, p. 76).

Faz-se, por isso, necessário, no usufruto do tempo livre, não exercemos mais uma vez o papel cujo *script* diz que se é obrigado a divertir-se. Para tanto, os mecanismos da indústria cultural já se precipitaram em elaborar os lugares e os “brinquedos” que devem nos divertir: passeios na praça, no shopping, esportes, cinema, teatro, jogar capoeira⁴, dentre outras atividades, com grande possibilidade de implantar uma outra ordem tão reificante quanto aquela do trabalho. Norbert Elias e Eric Dunning (1992, p. 141) contestariam esta afirmação, dizendo que, se o lazer servisse somente para aliviar a fadiga das atividades de trabalho, seria melhor ir para a cama do que ir ao teatro ou a um jogo de futebol para relaxar. Neste sentido, seria o caso de pensar que, antes de tudo, o trabalho degrada as nossas capacidades psíquicas, refletindo no corpo como um todo, o que nos faz preferir ir ao teatro e ao futebol para nos recuperar ou esquecer o quanto somos alienados, pois é aí que agem os mecanismos da indústria cultural – que não teriam função se as pessoas fizessem ou tivessem consciência daquilo que os degrada.

Esta, dentre outras tantas, também é uma questão que não pretendemos esgotar. Podemos, todavia, pontuar que a necessidade criada no indivíduo de que ele deve dar conta daquilo que está a sua volta pode exercer um papel importante na sua escolha em ir ao teatro ou ao futebol, pois a diversão como obrigação passa a desafiar (e minar) sua resistência. É neste contexto que se localizam as atividades culturais, isto é, são compreendidas como uma válvula de escape, verdadeiras tentativas de amenizar as tensões adquiridas cotidianamente no trabalho. Em uma realidade na qual tudo tende a transformar-se em mercadoria, os bens culturais não poderiam ter melhor sorte. Dito de outra forma, a possibilidade de comercialização faz com que as obras de arte, o teatro, as danças, a capoeira, dentre outros, venham a ser considerados como bens culturais possíveis de pertencer à indústria cultural, ao mesmo tempo em que a própria cultura se estrutura com consumo, produtivamente, e antes disso como resultado das relações de troca, assim como a própria relação de trabalho e os relacionamentos pessoais, mais precisamente, na contemporaneidade.

Os diversos ramos desta indústria assemelham-se por sua estrutura, ou pelo menos se ajustam uns aos outros. Eles se somam quase sem lacuna para constituir um sistema de contínua dominação e sujeitamento. Isso, graças tanto aos meios atuais da técnica, do progresso, da concentração econômica e administrativa de seus consumidores. Assim, “(...) toda a praxis da indústria cultural transfere, sem mais, a motivação do lucro às criações espirituais. A partir do momento em que essas mercadorias asseguram a vida de seus produtores no mercado, elas já estão contaminadas por essa motivação” (ADORNO, 1978, p. 287-288).

⁴ A capoeira se combina – seja na forma de jogo, luta, dança ou mesmo esporte/espetáculo –, com um conjunto de outros elementos da cultura corporal dos afro-brasileiros, estruturando-se dialeticamente nos processos políticos, sociais e históricos que circundam o meio onde é praticada (MWEWA; VAZ, 2004).

Por fim, é importante mencionar que, segundo Horkheimer e Adorno (1985), qualquer forma de divertir as pessoas é corroborar com o estado de pobreza na qual se encontram, pois a realidade deve ser compreendida considerando a forma com que ela se mostra, ou seja, a partir de conceitos que dêem conta da sua dureza. Aqueles que lêem os autores frankfurtianos com a mesma onipotência com que fazem as suas leituras de cabeceira dirão que eles são contra todo tipo de alegria. Adorno, na verdade, era contra qualquer tipo de maquiagem da sociedade que dificultasse às pessoas ver o estado de *não-sujeitos* e de pura dominação em que se encontravam. O que, por sua vez, lhes permitiria continuar almejando uma sociedade na qual a morte do sujeito não fosse um resultado necessário e nem algo a ser concretizado no processo de dominação e reificação que subjaz à indústria cultural⁵. Pode-se dizer que este processo acontece, principalmente, a partir dos meios de comunicação quando privilegiado o seu caráter de entretenimento, por exemplo, a *internet* que adquiriu um papel fundamental nos últimos tempos.

Na contemporaneidade, assim como em outros tempos, os mecanismos de dominação metamorfosearam-se, porém o “esqueleto” permanece semelhante, ou seja, subjugar certas camadas da população a partir do princípio da exclusão para privilegiar outras continua sendo uma máxima. Isso se dá a partir de diferentes maneiras, nas quais os meios de comunicação e do cotidiano se sobressaem: a televisão, as revistas, os *sites* na sub-rede mundial de computadores (WWW), os *outdoors*, os discursos dos professores, dos políticos, dos mestres de capoeira, dos colegas da escola, dos pais, enfim, inúmeros meios de (con)formar o indivíduo na/para a sociedade. Diferentes segmentos sociais, em especial aqui os capoeiras, se valem de *sites* e revistas, por exemplo, como tecnologias para disseminar e propagar as suas convicções políticas, sociais, culturais e mercadológicas.

II Cibercapoeira: mecanismos de (con)formação do capoeira nos *sites* de alguns grupos de capoeira

*“Somos sentinelas de um rebanho contaminado”
(Almodóvar)*

Dentre os meios de comunicação de alcance para o grande público, podemos dizer que a sub-rede mundial de computadores (*World Wide Web*⁶) - que é conectada, segundo SANTAELLA (2004b, p. 38-39), a redes chamadas de “espinhas dorsais” ou “redes federativas”-, depois do rádio e da televisão, configura-se como a mais recente forma de divulgação abrangente. A análise dos mecanismos de sujeição em que a internet se pauta, por si só, já justificaria a produção de um trabalho⁷. Por isso devemos fazer escolhas. Pretendemos localizar como os grupos se identificam nos *sites* na perspectiva de buscar pistas sobre a possível (con)formação das subjetividades dos capoeiras-cibernautas.

⁵ Assim como Adorno, não somos contra o tempo livre e concordamos com ele quando diz que o nosso trabalho deve procurar tornar-se tão livre quanto às atividades que desenvolvemos no nosso tempo de não trabalho. É nesta direção que diríamos, no âmbito da capoeira, que não somos contrários à eleição da roda como o momento de maior deleite do capoeira. Defendemos apenas que o processo da aula deve procurar ser tão prazeroso quanto à roda, permitindo-nos exteriorizar as nossas idiossincrasias, como a roda geralmente permite. Sempre que nos referimos à aula como “treino”, embutimos nela a aceitação de que estamos nos preparando (nos treinando) para algo, ou seja, treinar para executar algo ou exercer alguma função num outro momento e não aquele. A aula em si deve se justificar enquanto um processo de potencialização do exercício de individualidade. As estratégias didáticas, neste sentido, são consideradas como o primeiro passo e para tal devem, portanto, ser reconfiguradas por cada praticante, moldando-as à sua peculiaridade.

⁶ Os grupos dos quais os sites na internet serão analisados foram escolhidos a partir das seguintes categorias: ABADÁ, por ser um dos maiores, se não o maior (quantitativamente); BERIBAZU, por refletir o conflito colocado para a capoeira na contemporaneidade, a saber: entrar no coletivo mercadológico e compreender a capoeira enquanto um importante mecanismo no processo de formação das pessoas; CAPOEIRA BRASIL, por ser um dos pioneiros na internacionalização da capoeira com uma estrutura organizacional; MUZENZA, por ser o mais organizado comercialmente; SENZALA, por ser um dos primeiros grupos.

⁷ Ver SANTAELLA, 2004b.

Num universo de mais de dez mil (10.000) *sites* que veiculam informações a respeito da capoeira, não seria inverdade afirmar que os capoeiras, como qualquer internauta, de alguma forma, pautam as suas ações também a partir das informações obtidas nas páginas dos grupos na Internet.

Conectado na tela, através de movimentos e comandos de *mouse*, os nexos eletrônicos das infovias, o cibernauta vai unindo, de modo a-seqüencial, fragmentos de informação de naturezas diversas, criando e experimentando, na sua relação com o potencial dialógico da hipermídia, um tipo de comunicação multilinear e labiríntica. [...]... as habilidades que são adquiridas com a prática da navegação, além de serem conduzidas por inferências mentais ricamente tramadas, estão também alicerçadas no desenvolvimento simultâneo dessas complexas operações mentais com reações sensório-receptivas não menos complexas. (SANTAELLA, 2004, p. 35-36).

Além dos *sites*, a internet abriga diversas listas de discussão de diferentes naturezas sobre capoeira. Dos grupos selecionados (um de cada), para efeito de análise, recortamos os *sites*⁸ que se declaram “oficiais”⁹. Os *sites*, de uma forma geral, possuem alguns ícones ou *links* que são comuns: galeria de fotos, eventos, notícias dos grupos em questão, “cadastre-se” (na maioria opcional), como fazer para entrar em contato com os responsáveis pelo grupo e com o *webmaster*. Dois dos cinco *sites* pesquisados possuem um *link* especial a respeito da biografia de seus fundadores (Muzenza e Abada) e dois de um dos responsáveis pelo grupo (Capoeira Brasil e Senzala). O grupo Beribazu se estrutura em núcleos, cada qual com seu responsável.

Nos *sites* em que há uma veiculação de assuntos que podemos classificar como “acadêmicos”, o responsável, isto é, quem assina os textos mais importantes, é sempre alguém com autoridade universitária. Se ele não for conhecido nacionalmente ou no universo específico da capoeira, a sua formação acadêmica vem acompanhando o nome na assinatura da matéria. Isso é percebido nas matérias sobre a história da capoeira, cujos autores são pesquisadores como Carlos E. L. Soares, Luiz R. Vieira, Frederico Abreu, Jair Moura, entre outros. Nas matérias que se relacionam à preparação técnica e física, tratando de alongamento, cuidados com a alimentação, recomendações sobre boa saúde etc. são também especialistas com a devida formação no assunto que as assinam. É importante afirmar que estas matérias fazem parte da grande maioria dos *sites*. Esta prática pode ser comparada à de diversas revistas ilustradas, mais precisamente aquelas dirigidas ao público feminino, como por exemplo, a *Boa Forma* e a *Capricho*, mas também às revistas de capoeira. Segundo Castro (apud SANTAELLA, 2004, p. 127), “(...) a imprensa recorre ao especialista – profissional que tem espaço e sucesso garantidos em revistas femininas – para dar dicas acerca dos cuidados com o corpo no campo da sexualidade, moda, dieta, beleza e exercícios físicos”. E ainda, conclui Santaella (IBID., p. 127): “O que se encontra, nas mídias, em suas colunas de aconselhamento, é a proposta de um ideário religioso/esportivo de mandamentos e de maratonas a serem seguidos e vencidos.”

Os *sites* funcionam como cartões de visitas dos grupos, utilizando artifícios como o emprego de diversos idiomas, além de outros tantos, para atender à configuração atual do universo da capoeira globalizada. Alguns grupos possuem *sites* totalmente em inglês e outros disponibilizam-nos outras línguas.

⁸ Os *sites* visitados e as datas de acesso foram os seguintes: MUZENZA – www.muzenza.com.br - 12/01/04, SENZALA – www.senzalacapoeira.cjb.net/ 12/01/2004; ABADÁ – www.abadacapoeira.com.br/frame.html, 13/01/04; CAPOEIRA BRASIL – www.grupocapoeirabrasil.com.br, 13/01/04; GRUPO DE CAPOEIRA BERIBAZU – <http://www.beribazu.trigger.com.pl/beribazu/linki.php3> – www.beribazujoinville.rg3.net, 14/01/04

⁹ Esta informação foi confirmada em entrevistas com três professores de grupos (*sites*) pesquisados e por meio da comparação entre os vários *sites* existentes destes grupos. Vale dizer, também, que alguns de um mesmo grupo são praticamente idênticos, variando apenas algumas configurações ou fotos.

Um outro motivo que nos leva a equiparar a configuração dos *sites* com as das revistas é o fato de um deles trazer, como conteúdo da sua página, uma “mensagem positiva” (de *courage*). A mensagem de cunho pretensamente filosófico versa freqüentemente sobre como conquistar as coisas a partir do próprio “esforço”. Uma primeira leitura pode levar à interpretação de tal mensagem de maneira a realçar a autoconfiança dos internautas. Porém, uma leitura mais crua, sem adornos, mas com dor, a entende como uma expressão para nos conformarmos com o sofrimento que passamos para galgar alguns degraus na vida na direção do sucesso. A mensagem atrela o sucesso ao sofrimento. Em uma palavra, quem sofre mais é digno de glória. Na contemporaneidade, o sofrimento seria justificável como um ritual de passagem, mais uma vez confirmando a noção de educação pela dureza à qual Adorno se referiu.

Se tudo é fácil desde o princípio, não podemos nos tornar pessoas de essência e de caráter. É superando os dolorosos reveses que conseguimos criar uma radiante história de triunfo que brilhará eternamente. É isso que torna a vida tão emocionante e agradável. Em qualquer campo de empreendimento, as pessoas que vencem e crescem como seres humanos estão avançando para o sucesso e a vitória na vida. (www.beribazujoinville.rg3.net, 2004).

É difícil não vincular a leitura deste pequeno fragmento aos mecanismos de conformação, na miséria dos subalternos, colocados pelas forças de poder. Ou melhor, com aqueles que outrora tinham a responsabilidade de civilizar-nos, em última análise, educar-nos com o aval divino. O meio pelo qual esta mensagem é veiculada se configura numa atualização daqueles mecanismos de reificação utilizados pelos catequizadores, porém com o aval do ente que domina e, de certa forma, dita as nossas ações na contemporaneidade: os senhores dos meios de comunicação.

É importante perceber que, se os meios que veiculam informações, como a internet, por exemplo, não forem utilizados apenas como tecnologia, eles se configuram, no nosso ponto de vista, em mais uma forma de aprisionamentos das nossas subjetividades já tão cerceadas. É cada vez mais comum devotarmos afetos que não conseguimos compartilhar com os nossos semelhantes para as máquinas desejadas que os responsáveis pela indústria cultural disponibilizam com extrema prontidão. Oferecem-nos desde personagens com os quais nos identificamos mais do que com o nosso vizinho, até bichinhos virtuais (eletrônicos) cuja *fome sem corpo* nos preocupa mais do que aquela dos dois terços da população mundial abaixo da linha da miséria. Será que não é este tipo de subjetivação que as novas condições de vida buscam implementar? Esta é a nova forma de subjetivação exigida no mundo contemporâneo? Se respondermos afirmativamente a estas duas questões poderá ser dito que estamos marchando com a mesma convicção do animal que vai ao encontro do seu carrasco no matadouro. Enfim, caminhamos com a mesma desorientação do mosquito em direção ao vidro (transparente) ao ser afugentado num ambiente sem saída.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor Wiesegrund. **Palavras e sinais: Modelos críticos 2**. (Trad. Maria H. Ruschel; supervisão de Álvaro Valls) Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

_____. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.) **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Edusp, 1978, p. 287-295.

_____. Televisão, consciência e indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.) **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Edusp, 1978, p. 347-354.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. (Tradução de Maria M. A. e Silva), Lisboa, Ed. DIFEL –Difusão Editorial, Lda, 1992.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

MWEWA, Muleka. Indústria cultural e a educação do corpo no jogo de capoeira: Educação e reificação das subjetividades. In: **Colóquio Internacional – Teoria Crítica**, 1., 2004, Piracicaba-SP. Anais... Piracicaba-SP: UNIMEP, 2004. CD ROM.

MWEWA, Muleka. **Indústria cultural e educação do corpo no jogo de capoeira: Estudos sobre a presença da capoeira na sociedade administrada**.(dissertação). Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

RUSCHEL, Maria H. Glossário. In: **Palavras e sinais: Modelos críticos 2**. (Trad. Maria H. Ruschel; supervisão de Álvaro Valls) Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintomas da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Navegando no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004b.

Currículo

Muleka Mwewa

Universidade Federal De Santa Catarina Programa de Pós-graduação Em Educação – Doutorado. Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea – CNPq. Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Lingüística – CNPq. Bolsista de Apoio à Pesquisa CNPq – Nível 1A. Possui graduação em Letras Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001) e mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (título: Indústria cultural e educação do corpo no jogo de capoeira: Estudos sobre a presença da capoeira na sociedade administrada 2005). Atuou como Tutor no curso de Prevenção ao Uso de Álcool e Outras Drogas no Ambiente de Trabalho: Conhecer para Ajudar (UFSC-SEaD, 2006). Atualmente é Bolsista Fomento 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, tutor do curso de Especialização em Gestão Escolar (MEC, UFSC, SED e UNDIME, 2007-) e membro de corpo editorial da Revista Eletronica Diálogo e Ciência (FTC, 2007-). E desenvolve o seu doutoramento (2006-) Ciências Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina que versa a sobre “O conceito de cultura em Theodor W. Adorno e Stuart Hall: Implicações dialéticas na formação objetiva do sujeito no contemporâneo”. É graduando no curso de Letras Francês na UFSC(2002 -). É professor de Capoeira e outras manifestações afro-brasileiras. Tem experiência na área de Educação. Atua principalmente nos seguintes temas: Educação, Pedagogia, Letras, Manifestação cultural - Sujeitos - Indústria cultural.

Endereço:

Muleka Mwewa

Universidade Federal De Santa Catarina
Campus Universitário – Trindade - Programa de Pós-graduação Em Educação – (CED)
CEP: 88040-900 –
E-mail: afromuleka@yahoo.fr